

**LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO
PASSADO:
A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA**

**LIBROS Y LECTORES EN BAHIA EN LOS AÑOS CINCUENTA DEL
SIGLO PASADO:
LA TRAYECTORIA LITERARIA DE VASCONCELOS MAIA**

**BOOKS AND READERS IN BAHIA IN THE FIFTIES OF THE PAST
CENTURY:
THE LITERARY PATH OF VASCONCELOS MAIA**

DOI: 10.22481/rbba.v10i01.8780

Edna Maria Viana Soares
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ULFL, Portugal
ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4289600106841526>
ORCID: 0000-0003-3519-838X
Endereço eletrônico: andemvs@gmail.com

RESUMO

Este artigo encontra seus fundamentos na associação da crítica textual com os estudos literários e sua relação com a bibliografia material pensada como sociologia do texto. Esta via permite considerar a obra literária tendo em conta aspectos da história da sua produção, circulação e recepção. Aqui se discute a trajetória literária de Carlos Vasconcelos Maia (1923-1988), escritor baiano que publicava em jornais, revistas nacionais e estrangeiras, antologias no Brasil e no exterior, mas que não ocupou o merecido lugar no mercado editorial ao publicar seus contos em livros. Intenciona-se também pensar as condições sociais da publicação, circulação e apropriação de obras literárias na Bahia em meados do século passado.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Palavras-chave: Crítica Textual; Bibliografia e Sociologia do texto; Vasconcelos Maia.

RESUMEN

Este artículo encuentra sus fundamentos en la asociación de la crítica textual con los estudios literarios y su relación con la bibliografía material pensada como sociología del texto. De esta forma es posible considerar la obra literaria teniendo en cuenta aspectos de la historia de su producción, circulación y recepción. Aquí discutimos la trayectoria literaria de Carlos Vasconcelos Maia (1923-1988). El escritor nacido en Bahía publicó en periódicos, revistas nacionales y extranjeras, antologías en Brasil y en el exterior, pero no ocupó el merecido lugar en el mercado editorial cuando hace sus publicaciones en libros. También se pretende reflexionar sobre las condiciones sociales de la publicación, circulación y apropiación de obras literarias en Bahía a mediados del siglo pasado.

Palabras clave: Crítica textual; Bibliografía y sociología del texto; Vasconcelos Maia.

ABSTRACT

This paper finds its foundations in the association of textual criticism with literary studies and its relationship with the material bibliography thought as the study of the sociology of text. This approach allows to consider the literary work considering aspects of the history of their production, circulation, and reception. It aims to discuss Carlos Vasconcelos Maia's literary trajectory, a short story writer from Bahia who published in newspapers and in national and foreigner magazines. However, his work did not receive the deserved attention in the editorial market when he published his short stories in books. Our intention is to think the social conditions of publication, circulation, and appropriation of literary works in Bahia in the middle of the 20th century.

Keywords: Textual Criticism; Bibliography and sociology of text; Vasconcelos Maia.

1 INTRODUÇÃO

Carlos Vasconcelos Maia foi um intelectual influente, artística e literariamente na Bahia em meados do século passado. Vasconcelos Maia - como era habitualmente referido - ou o

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Carlito na expressão carinhosa dos amigos e familiares, nascido em Santa Inês, radicou-se em Salvador na Bahia, ainda criança, quando seus pais se mudaram para a localidade na qual permaneceu, até vir a falecer em 14 de julho de 1988.

Carismático, o escritor vivia cercado por uma ampla e diversificada rede de amigos constituída por integrantes dos campos da literatura, cultura, jornalismo, pintura, escultura, etnografia, fotografia, dentre outros. Muitas dessas relações eram oriundas dos tempos do Colégio Central ou da Rua Democrata, locais que marcaram significativamente o trajeto, tanto na vida social quanto cultural, de uma geração de jovens intelectuais baianos (SOARES, 2010, p.18). Essa geração de jovens intelectuais comungava o propósito de divulgação das “coisas da Bahia” (CARVALHO, 1999) em sua produção artística. Inicialmente, organizou-se em torno da revista-movimento e casa editorial *Caderno da Bahia*, idealizada por Vasconcelos Maia, um dos seus fundadores, importante veículo para a instauração do modernismo na Bahia.

Mais que por sua produção literária, o nome Vasconcelos Maia é lembrado na cena cultural da Bahia por sua ação como fundador da revista-editora de cunho modernista, *Caderno da Bahia*. Ao lado de uma fecunda atividade jornalística, o escritor baiano era responsável pela gestão do departamento municipal de turismo da cidade de Salvador, posição que será determinante no enfoque de seus textos sobre a cidade que então definia sua “vocalização turística”.

Durante muito tempo referida como “cidade da Bahia” ou simplesmente Bahia, denominação que, com o correr do tempo, passou a designar o vasto território baiano (TAVARES, 2008, p. 48), a cidade de Salvador de até meados da década de 50, que será representada na obra de Vasconcelos Maia, teve o seu processo de modernização descrito por vários autores, dentre os quais, Sampaio (1992); Risério (1995;2004); Carvalho (1999).

Lamentavelmente, o apoio irrestrito da ampla rede de amigos e colaboradores percebido nos elementos paratextuais de seus livros publicados e na correspondência gentil e fraterna mantida com amigos escritores; a qualidade da produção textual atestada desde as primeiras publicações; a sua atuação à frente do *Caderno da Bahia*; a regular colaboração em revistas e periódicos do País não foram suficientes para garantir a permanência da obra de Vasconcelos Maia no universo literário. Desconhecida do grande público, com raras reedições, sua produção foi sendo relegada ao esquecimento.

Vitimado, provavelmente, pela fragilidade do mercado editorial onde se via inserido, o nome do escritor acabou na seção dos livros raros dos sebos literários e nas prateleiras empoeiradas dos arquivos públicos ou das hemerotecas.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

2 O MERCADO LITERÁRIO NA BAHIA EM MEADOS DO SÉCULO XX

O mercado literário, assim entendido o resultado da tecnologia tipográfica e da comercialização de textos impressos (PORTELA, 2003, p. 9), no Brasil e na Bahia, em meados do século XX, pode ser caracterizado a partir da observação de aspectos como a configuração do processo de produção e consumo do impresso; a crise do livro; a constituição das políticas públicas de incentivo à produção livresca; a profissionalização das atividades de escritor.

A atividade editorial na cidade de Salvador mostrava-se inconstante no início do século XX. As décadas iniciais da centúria correspondem a um período no qual a indústria cultural e o mercado editorial ainda não se mostravam consolidados na Bahia (ROSA e BARROS, 2004).

Essas particularidades da vida social e política brasileiras também foram referidas por Hallewell ([1985]2012, p.571), para quem, a restauração da democracia em 1945, economicamente, pouco representou como apoio à atividade editorial. Na verdade, embora o Brasil, nos anos 50, estivesse vivendo a euforia desenvolvimentista caracterizada pelo processo de industrialização acentuada, as editoras viviam um descompasso em relação ao incremento da vida cultural que se ampliava e se incorporava à vida geral do país. O ramo livreiro mostrava-se não somente estagnado como também a competição se tornara mais dura, na medida em que, agora em maior número, cada editora procurava manter sua parcela desse limitado mercado. E para isto as casas editoriais reduziam a tiragem média das edições. No campo da economia, os insumos apresentavam um crescente aumento de preços: o papel nacional, tido como inferior, chegou a ser vendido a um preço quase 100% acima do papel importado que, também, apresentou redução dos subsídios, ficando as taxas especiais restritas ao papel para revistas e jornais.

Com a atividade enfrentando problemas de natureza vária, na segunda metade do século, a produção de livros na Bahia representava uma fatia muito pequena da produção nacional. Na cidade do Salvador, com uma produção comercial de livros quase sempre associada ao gosto pessoal do livreiro, os livros eram vendidos no seio de pequenas elites que mantinham entre si estreito contato social e intelectual. Nesses círculos, as novidades e as discussões sobre literatos e acontecimentos literários eram corriqueiras e circulavam livremente. A escolha do livro era motivada pela preferência por determinado autor ou gênero, quando não, por razões afetivas, políticas, econômicas e, às vezes, estéticas. Nesse momento, o mercado editorial se associará a outros *media*, tais como o jornal, as revistas especializadas, o rádio e outras formas artísticas sendo capaz de gerar expectativas de consumo no leitor e influenciar na escolha do livro.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

O aumento da leitura no Brasil, acontecido durante a Segunda Guerra Mundial, é referido por pesquisadores que, no entanto, ressaltam a pequena duração deste fenômeno. Na década de 40 do século XX, o índice de analfabetismo da população com idade superior a cinco anos beirava os 80%.

A história da literatura brasileira registra que, no final dos anos 50 do século passado, o movimento modernista, especialmente o neomodernismo se encaminha para dar à narrativa curta um lugar de destaque. O conto ocupou no Brasil, situação que se estende à América Latina, um lugar de destaque no que diz respeito à sua produção e recepção. Resultado imediato da entrada do País naquela considerada era da modernização, especialmente com a arrancada desenvolvimentista do governo do recém empossado presidente Juscelino Kubitschek, evidenciou-se o atraso no qual se via mergulhada a atividade editorial no país. Esse atraso alcançava as atividades editoriais e o mercado nacional de livros que vivia um período de recessão. Temos assim um dos condicionantes da propalada crise do livro, que encontrou na concorrência dos outros meios de comunicação, especialmente nos jornais e revistas, então beneficiados com o subsídio para a compra do papel importado, um forte concorrente. Registrada como tendência do período, os jornais modificavam sua diagramação, tornavam-se mais agradáveis, mais preocupados com a técnica e com a produção de matérias, bem assim mais estruturados como empresas. Tais fatos, no campo da literatura, proporcionaram o fortalecimento da narrativa curta, que teve nos periódicos e nas revistas o veículo para sua divulgação. Como meio de facilitar a difusão, os jornais organizavam concursos de contos enquanto as revistas convertiam-se em casas editoriais e publicavam suas próprias antologias. A par disto, os estudiosos registram o acentuado gosto do leitor brasileiro pelas representações realistas da realidade, pela linguagem com marcas da oralidade, características acentuadas do conto brasileiro. (CANDIDO e CASTELO, 1975; CANDIDO, 1995, 2000; ATHAYDE, 1956; HERMAN LIMA, 1968).

Problema tido como crucial, a distribuição de livros, à época, era responsabilidade do livreiro e feita por meio do serviço de reembolso postal. A atividade atingia apenas os centros urbanos mais desenvolvidos, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Curitiba. Como consequência, quase 70% da população do país, contingente este que, segundo dados do censo, estava distribuído em pequenos municípios e vilarejos das zonas rurais, não era alcançada pelo serviço de distribuição.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Aos diversos problemas enfrentados pelo mercado editorial vem se somar aquele das relações, nem sempre amistosas, com os editores. Segundo Assis Brasil (1959, p.8), o problema enfrentado pelos escritores, principalmente, os novos, que se queixavam da devolução de seus originais aos quais era negada a publicação, exigia a intervenção do governo que deveria arranjar uma solução para o caso tendo em vista a importância da literatura para o país.

Em sua coluna no jornal, Hélio Pólvora atestava a existência de um divórcio entre a literatura e o povo, provocado pela ausência de uma indústria editorial. Para o escritor e jornalista baiano radicado no Sul do País, as peculiaridades do mercado leitor do Brasil, que contava com uma população de 30 milhões de alfabetizados, ainda não haviam sido estudadas de forma a organizar uma distribuição racional de livros cobrindo o país em toda sua extensão. O mercado editorial produzia livros com uma tiragem de dois mil exemplares, que era absorvida em sua totalidade pelos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo, deixando de fora o vasto interior que vivia na dependência de um precário serviço de reembolso. (PÓLVORA, 1962).

Outro aspecto da configuração do mercado literário da época foi a presença de escritores no rádio, fato por si determinante de uma nova organização da produção e difusão livresca. Tendo em vista o reduzido contingente do público que sabia ler, a literatura da época foi também difundida utilizando os novos meios de difusão não escrita do pensamento. O rádio foi um elemento que, com o surgimento do transistor, um dos resultados da revolução tecnológica dos “anos dourados”¹ atravessados pela humanidade no período que se sucedeu à Segunda Guerra Mundial, ganhou maior alcance, transformando a vida cotidiana do mundo dos ricos e dos pobres (HOBSBAWM, 1996, p.260).

No Brasil, a imprensa da época, nas colunas especializadas no sul do país, apontava a invenção como um dos grandes inimigos modernos do romance. Tem-se que, naquele momento, para agravar a situação enfrentada pelo mercado editorial, às ameaças existentes vêm somar os novos hábitos de entretenimento que se desenvolviam na sociedade em decorrência do consumo expressivo de bens culturais como o cinema, a TV, o rádio, o teatro e as revistas. Tais hábitos estariam “matando o livro”. O rádio que, com o advento do transistor, atingia maior público, com ele estabelecendo uma comunicação mais ampla, era tido como instrumento capaz de reduzir cada vez mais o hábito de leitura. Dessa forma, no Brasil, não poucos escritores responsabilizavam as novelas radiofônicas pela queda do mercado de livros, nos últimos anos da década de 40. (CONDÉ, 1950, p.12).

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Aspectos da atividade editorial na Bahia os anos 50

A história da editoração em Salvador foi descrita por autores como Hallewell ([1985] 2012); Rosa e Zobiak (1992); Rosa e Barros (2004) que destacam a existência da Livraria Progresso Editora, criação de Manoel Pinto de Aguiar, tido como o grande fenômeno do mercado editorial baiano. Nascida no final da década de 1940, com o intuito de publicar autores baianos, principalmente os novos, a Livraria Progresso Editora obteve repercussão nacional. Sua atuação se estende até o início dos anos 60. Dona de um excelente catálogo, contribuiu de forma decisiva para a divulgação da produção literária de autores locais bem assim para a formação cultural de toda uma geração. Lamentavelmente, nem o destaque conseguido pela Livraria Progresso Editora foi suficiente para fazer com que a Bahia ocupasse lugar de relevância no mercado editorial brasileiro, situação ainda não revertida até os dias atuais. Por conta da escassez de oficinas gráficas que garantissem um produto de qualidade, a Imprensa Oficial do Estado da Bahia, inaugurada em 1915 para publicação do Diário Oficial, passa a publicar livros.

Neste sentido, importa ressaltar a relevância das pequenas editoras que tomam para si as funções de dar espaço aos jovens autores para a publicação de suas obras; preservar a existência de gêneros considerados pouco comerciais; acolher autores estrangeiros por meio da tradução; e ainda possibilitar a reedição de obras de autores esquecidos. Na maioria dos casos, o pequeno editor é independente. A difusão de seu trabalho é feita em estabelecimentos de pequeno porte e por meio da autodifusão.

Tendo atuado como editor de sua produção literária, infelizmente, Vasconcelos Maia não pensou em consignar à posteridade uma descrição de todas as fases do processo de edição dos seus livros lançados por aquela que chamou de Carlito Editor, tampouco encontramos registros sobre as Edições Elo, sua primeira casa publicadora, em publicações sobre o tema.

A denominada Edições Elo era uma pequena editora fundada por um grupo de jovens baianos ou radicados na Bahia, mantida por sistema cooperativista, de publicações graficamente simples e de circulação modesta que pretendia divulgar autores baianos que não tinham oportunidade de publicar no sul do país. A editora incluía em sua programação vários livros de contos e uma antologia de contistas modernos. As referências à iniciativa foram encontradas na primeira orelha de *Fóra da Vida* (Maia 1946) e numa nota na revista *Joaquim*, publicada no Paraná em maio de 1947, que noticia seu surgimento. Também Camillo de Jesus Lima (1947),

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

num artigo publicado no jornal *O Combate*, no interior do estado, menciona a “novel” editora surgida na Bahia. O endereço da nova casa editorial, dado a ler na nota referida acima - Rua Democrata, nº 9, Salvador, na Bahia – coincide com aquele da morada do escritor Vasconcelos Maia, um sobrado de classe média, residência da família, várias vezes referido pelo escritor como ponto de convergência de jovens artistas e intelectuais.

Como já exposto, os autores modernistas no Brasil, nos anos 50 do século passado, lidavam com dificuldades para a publicação de seus livros, razão pela qual sua grande maioria financiava as próprias edições e encontravam nas revistas especializadas, que assumiam também a função de selo editorial congregando artistas plásticos, pintores, gráficos, poetas, contistas e romancistas, um canal para sua expressão. Fato que se deu com o *Caderno da Bahia*, que serviu de casa editorial, dentre outros, para o livro *Contos da Bahia* (1950), que consagrou o escritor Vasconcelos Maia como contista. Embora devedora das condições da empresa gráfica da época, a preocupação estética das edições superava qualquer aspecto luxuoso e suas ilustrações serviam também como veículo de divulgação do trabalho dos artistas plásticos.

A par da criação da revista-editora, o interesse de Vasconcelos Maia e seu irmão mais novo, Pedro Moacyr Maia, pela prática editorial fica evidenciado ainda com a criação da Dinamene, editora artesanal criada na Bahia pelo último, também ligado ao *Caderno da Bahia*. A editora artesanal foi referida por Carlos Drummond de Andrade, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, em 1973, na crônica intitulada “Dinamene e seu anjo” (ANDRADE, 1973, p. 5).

Em depoimento pessoal Pedro Moacyr Maia mencionou a criação da Dinamene, por ele referida como uma editora de cunho artesanal, voltada para a publicação de edições de luxo, cujas vendas resultariam em suporte financeiro para o *Caderno da Bahia*. Referidos nos estudos de interessados em editoras artesanais como Rosa e Barros (2004) e Creni (2013), alguns trabalhos da Dinamene consistiam em livros não consúteis, formados por volantes de formato variado, com ilustrações de artistas plásticos, impressos em papel especial, nas gráficas beneditinas, acondicionados em envelopes que eram distribuídos aos amigos. Dentre os livros publicados pela Dinamene destacam-se *Estrela da Tarde* e *Alumbramentos*, de Manuel Bandeira, em 1959.

Também a familiaridade com a atividade editorial será mostrada pelo escritor quando, tendo ingressado na Academia de Letras da Bahia, após dez anos sem publicar, volta a fazê-lo aconselhado pelo amigo Ariovaldo Matos, o que faz por meio de um selo próprio, a Carlito Editor.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Diante de tais fatos, valendo-me do paradigma indiciárioⁱⁱ (GINZBURG, 1989, p.152), ousou conjecturar que a casa editorial que publicou o livro de estreia do jovem escritor Vasconcelos Maia, produzido enquanto enclausurado no sótão de sua casa vitimado por uma pleurite, provavelmente um embrião do *Caderno da Bahia*, tinha no escritor estreante o seu responsável, quiçá, seu idealizador. É fato que não foram encontrados registros de uma estrutura empresarial nos moldes de uma editora convencionalmente estabelecida e autônoma com o nome de Edições Elo, situação que ilustra a organização do mercado editorial na Bahia nos anos 40/50 do século passado. O fato de, provavelmente, a redação e a administração da revista estarem instaladas no número 9 da Rua Democratas não caracterizava a existência, naquele local, de uma sede editorial.

A situação de completa inexistência de dados desse tipo de atividade no Brasil foi abordada por Barcellos (2006, p. 18) ao afirmar que as pequenas e médias editoras não têm prática de registro, acervo ou memória de documentos; e quando os têm, o acesso é estritamente restrito e sigiloso.

Ainda que operando na informalidade, a editora Edições Elo poderia ser a primeira investida de Vasconcelos Maia como pequeno-editor. Embora pensada para ser mantida por sistema cooperativista, filho de um comerciante abastado, ao jovem contista não faltariam recursos para criar uma editora tendo em vista a necessidade de publicar seus contos e a escassez das casas editoriais na Bahia de então, onde, premidas pela oscilação do incipiente mercado editorial, as editoras surgiam e desapareciam em pouco tempo. A editora incluía em sua programação vários livros de contos e uma antologia de contistas modernos. Dentre os autores publicados identificamos nomes que mais tarde, juntamente com Vasconcelos Maia, irão compor o *Caderno da Bahia*, revista de divulgação e casa editorial, a exemplo de Wilson Rocha e seu irmão Carlos Eduardo da Rocha, crítico de arte e colecionador.

O quadro aqui delineado deixa ver que a condição de primeira capital do Brasil, embora tivesse proporcionado à cidade avanços como o estabelecimento, pelos jesuítas, da primeira escola formal; da primeira instituição de ensino superior; da primeira biblioteca pública – não garantiu a Salvador a consolidação de uma indústria editorial. Esta situação perdura até os dias atuais, agravada pela situação periférica em relação ao eixo-sul do país, e pelas condições geográficas e socioeconômicas do estado cujo processo de industrialização não se deu de forma ordenada. Ainda que tenha produzido trabalhos de aspecto gráfico esmerado, com ilustrações de renomados artistas plásticos, fato que fazia com que os livros ganhassem aspectos de obras

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

de arte, a atividade editorial na Bahia nunca ocupou lugar de relevância no mercado. Sempre dependente do poder público que financiava ou publicava autores baianos, a publicação de livros no estado era uma decorrência do entusiasmo de intelectuais e de grupos de autores que não a concebiam como uma atividade comercial da qual resultaria compensação financeira.

3 A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DA VASCONCELOS MAIA

Inútil pensar o percurso literário de Vasconcelos Maia sem levar em conta o fato de que o escritor jamais viveu exclusivamente da literatura. Dentre as várias funções exercidas pelo nosso autor, duas delas são relevantes para a questão que aqui se esboça: a sua atuação como diretor e idealizador da revista-movimento e casa editorial *Caderno da Bahia*, e como gestor de órgão de turismo na cidade de Salvador. Tais atividades facultavam-lhe a amplitude do círculo de relações, possibilitando o convívio com artistas e intelectuais, fato que irá refletir não apenas na eleição da temática de seus contos, mas também na materialidade de suas edições.

De acordo com McGann (1991) e McKenzie (1999) os textos são produzidos e reproduzidos sob determinadas condições institucionais e sociais, sendo, portanto, um fato social relevante de uma dada época e um dado lugar, no qual as trocas comunicativas acontecem, não se reduzindo a sua materialidade. Em assim pensando, McGann (2009) compartilha com McKenzie (1999) a crença de que os textos trazem evidências sobre “the history of their own making”, chamando atenção para o funcionamento da materialidade da publicação: sua condição de constituinte de significação não apenas em sua mensagem contida, mas em todas as dimensões de sua existência material.

A estreia de Vasconcelos Maia na literatura acontece pela via dos concursos de contos. As publicações iniciais do escritor aconteceram fora do seu estado natal, fato que se reveste de significado, tendo em vista a condição de “província”, isolada e distante do restante do país, em que se via mergulhada a Bahia no período que antecedeu aquele da instauração da ideologia do desenvolvimento implantada no governo juscelinista, conforme aqui mencionado.

Foi em São Paulo, cidade que já começava a dividir com o Rio de Janeiro a condição de eixo irradiador da cultura, que, em 1942, com 19 anos, Vasconcelos Maia obteve o primeiro lugar em um concurso de contos organizado pela Revista Universal lá sediada. Premiado, “Um clarão dentro da noite” mais tarde integraria seu livro de estreia *Fóra da Vida*. Este conto, cujo processo criativo foi explicado pelo escritor evocando uma Bahia na época da Segunda Guerra,

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

- às escuras, temerosa de um ataque aéreo por parte dos alemães, ouvindo-se notícias sobre navios bombardeados, isolada do restante do país, vendo o crescimento avassalador do império norte-americano e a influência da língua inglesa sobre a cultura local - apresenta como temática o envolvimento dos brasileiros no conflito e, como herói, um saveirista negro. Na narrativa, um barco que transportava combustíveis é saqueado por um submarino alemão, para evitar a entrega do material cobiçado pelos alemães, o saveirista negro faz explodir a embarcação.

Decorridos três anos, “Pensão Sempre Viva” aparece na relação dos trabalhos julgados na primeira apuração do concurso permanente de contos literários patrocinado pela *Revista da Semana*, certame destinado a divulgar novos talentos (REVISTA DA SEMANA, 1945). Ao vencedor do concurso era conferido o Prêmio Aureliano Machado, que consistia em pagamento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) por cada conto, além da publicação do conto vencedor, dando ao autor o direito de fazê-lo em outras instâncias. Foi neste contexto que Vasconcelos Maia teve vários textos publicados na seção *Contos* do semanário carioca. Ainda em 1946, com “Revelação”, o escritor participou do Grande Concurso de Contos organizado pelo jornal *Letras e Artes*, mas não foi classificado. (LETRAS E ARTES, 1946). Na Bahia, anos mais tarde, concorreu e ganhou o Prêmio Câmara dos Vereadores com o livro, inédito até os dias atuais, *Diante da Baía Azul*.

O conjunto da obra do escritor, sob a forma de narrativas curtas, materializou-se em sete livros de contos e dois de crônicas e em suplementos de jornais e revistas literárias no país. Dentre estas, na *Revista América*, editada em Salvador; *Revista Universal* de São Paulo; *Revista do Globo*, de Porto Alegre; *Região*, surgida em Recife; *Clã*, em Fortaleza; *Revista ilustrada Fonfon!*, *Revista Branca*, *Revista da Semana*, *A Cigarra Magazine* e *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras, editadas no Rio de Janeiro. Em antologias no país e no exterior, seus contos figuram ao lado dos melhores contistas brasileiros e latino-americanos. (SOARES, 2010).

Também o rádio lhe serviu como meio de divulgação da obra. o rádio despontou como estratégia para Vasconcelos Maia em 1958, ocasião em que passou a apresentar uma crônica radiofônica na Rádio Cultura da Bahia, num programa diário denominado *Bahia de Todas as Coisas*. A par disto, o escritor teve radiofonizados a crônica “Milagre” e o conto “O prêmio da honestidade”, sob a direção de Eduardo Camposⁱⁱⁱ. Além da radiofonização de contos, foi encontrado um registro da apresentação do conto “Sol” no programa denominado Contos

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

brasileiros, exibido num canal de televisão em São Paulo. (CORREIO PAULISTANO, 1959, p. 13).

Nova prática naquela sociedade marcada pela oralidade e que se modernizava, a leitura radiofônica dos textos, por si mesma, um novo modo de encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor, coexistindo com o texto impresso, conseguiu transformar os modos de sociabilidade, bem assim evidenciar novas práticas de leitura e de apropriação do texto por leitores alfabetizados ou não. Embora não seja este o objetivo deste enfoque, recuperar a história desta prática pode ser uma das tarefas de um historiador da leitura em terras baianas e brasileiras.

Evidenciando uma recepção positiva ou, no mínimo, o alcance da obra do escritor baiano, em 23 de outubro de 1973, o conto “Sol” / “Sonne” foi transmitido radiofonicamente em Berlim^{iv}, com edição de Florian Kienzl sob a direção de Hans-Ulrich Minke. A produção faz parte do arquivo constituído por mais de 8.000 peças radiofonizadas e adaptações de peças de autores alemães e estrangeiros, veiculadas a partir de maio de 1945.

McGann(1991), ao abordar a questão do texto e da textualidade, realça a necessidade de se estudar as condições histórico-sociais nas quais passaram a existir. Esta mudança de paradigma no campo dos estudos textuais torna possível o resgate da historicidade da trajetória literária de Vasconcelos Maia, atentando especialmente para as condições nas quais suas obras foram produzidas e disponibilizadas à apropriação pelo leitor.

No período compreendido entre 1946 e 1964 Vasconcelos Maia experimentou a sua primavera na vida literária. Publicou seis livros: *Fóra da Vida* (1946); *Contos da Bahia* (1951); *O Cavalo e a Rosa* (1955); *O Primeiro Mistério* (1960); *O Leque de Oxum* (1961); *Histórias da Gente Baiana* (1964) e duas plaquetas: *Feira de Água de Meninos* (1951) e *Lembrança da Bahia* (1963). A par disto, teve seus contos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior.

Fato a ser considerado na trajetória do escritor santinesense é que, ao contrário das suas publicações iniciais acontecidas em revistas do sul do país, seus quatro primeiros livros foram publicados por casas editoriais como Edições Elo, Caderno da Bahia, Livraria Progresso, Imprensa Oficial da Bahia, todas elas situadas na Bahia ou Cidade da Bahia, forma como era referida a atual cidade de Salvador, o que significa dizer que eram obras que circulavam em um mercado editorial ainda não totalmente conformado ou que apresentava inconsistências.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

Conforme aqui exposto, o mercado de livros nos anos 50 do século XX era representado pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Curitiba. Esta configuração irá se polarizar para constituir o que comumente se refere como eixo Rio-São Paulo, ou Eixo Sul. O bibliotecário Hallewell ([1985]2012, p. 669) elenca as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo como centros editoriais equiparados em grau de importância.

A partir do lançamento de *O Leque de Oxum* (1961), fato que se dá quinze anos após sua primeira publicação, torna-se perceptível, por parte do escritor, uma tentativa de romper com o provincianismo e o isolamento das literaturas pequenas e ter sua obra publicada no eixo sul do país, naquele momento representado pelo Rio de Janeiro, centro irradiador de cultura, para o qual convergiam artistas e intelectuais de todo o país. De fato, *O Leque de Oxum* foi publicado no âmbito das Edições “O Cruzeiro”, marca editorial surgida do departamento de edições da revista *O Cruzeiro*, fundada em 1927, por Assis Chateaubriand. Na época, a editora era dirigida por Herberto Sales, escritor baiano responsável por transformá-la numa marca primordialmente literária, conforme Hallewell ([1985] 2012, p. 546).

Em assim sendo, entendo que a publicação por casas editoriais do eixo-sul representa uma transição significativa, passível de ser observada no debate sobre o processo de legitimação do escritor baiano.

Num intervalo de seis anos, ou seja, entre a publicação de *O Cavalo e a Rosa* (1955) e *O Leque de Oxum* (1961), a imagem do contista no cenário literário passou por acentuada mudança. No final da década de 50, início de 60, o nome do escritor era presença constante nos suplementos literários que noticiavam seus próximos lançamentos. Um deles chega mesmo a afirmar que Vasconcelos Maia, tendo se firmado como contista, estaria “se preparando para experimentar o romance” (O SEMANÁRIO, 1957, p.14).

Lançado o folheto *Lembrança da Bahia* (1963), no qual contribuía com o ensaio “Cidade do Salvador”, texto de apresentação da obra, somente em 1986 o escritor voltou a publicar contos inéditos.

Ainda que nefasto politicamente, o ano de 1964 testemunhou o lançamento da antologia *Histórias da gente baiana*; a presença do conto “Romance de Natal” na *Antologia do Novo Conto Brasileiro*, pela editora Júpiter, no Rio de Janeiro, que trazia as melhores obras dos cronistas mais representativos de cada estado, e ainda o início da internacionalização dos contos do escritor, que seriam traduzidos em coletâneas diversas.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

A fase de internacionalização da obra de Vasconcelos Maia teve seu início em 1957, ocasião em que o conto “Largo da Palma” foi vertido para os idiomas inglês, francês, italiano e castelhano e publicado nas edições bilingues da antologia *Contistas Brasileiros*, idealizada por Saldanha Coelho para serem distribuídas também no exterior.

A partir de 1964, a história da transmissão da obra do escritor baiano registra a presença de contos integrando antologias pelo mundo. Traduzidos para o russo, inglês, alemão, búlgaro, japonês e sueco, os contos “Sol”, “Romance de Natal” e “Um clarão dentro da noite” integraram antologias lançadas em Leningrado, na Rússia (1964); nos Estados Unidos e na Inglaterra (1967); na Alemanha e Suíça por duas vezes (1967 e 1972); em Kyoto, no Japão (1973); em Sofia, na Bulgária (1975), conforme se lê em Soares (2015). Em 1994, o conto “Sol” foi traduzido para o sueco e o nome do escritor foi elencado entre os 37 autores mais traduzidos no Brasil.

Nas antologias publicadas no exterior, sempre referido como um dos representantes do gênero no Brasil, o nome do escritor figura ao lado de renomados autores brasileiros, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa e Vinicius de Moraes. O nome de Vasconcelos Maia chegou a figurar ao lado de romancistas, contistas e poetas latino-americanos como Gabriel Garcia Marquez, Mario Benedetti, Jorge Luís Borges, Guillermo Cabrera Infante, Onelio Jorge Cardoso, Alejo Carpentier, Julio Cortazar, José Donoso, Carlos Fuentes, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Juan Carlos Onetti, Nicanor Parra, Octavio Paz, Juan Rulfo, César Vallejo, dentre outros.

Fica evidenciado que não se pode deixar de considerar as antologias traduzidas enquanto forma de divulgação e disseminação da obra de Vasconcelos Maia, bem como a sua relevância para a confirmação do nome do contista baiano como um dos autores que contribuíram para a divulgação não apenas do gênero conto, como um dos mais apreciados pelos escritores nos anos 50 do século passado, como também da literatura brasileira no exterior.

O pronunciado hiato em sua produção textual abre espaço à pergunta: O que aconteceu ao contista? Além da doença que o acometera depois dos acontecimentos de 1964, as questões políticas e econômicas também feriram o gênio criador do escritor. Vasconcelos Maia declarou-se “traumatizado” pelos acontecimentos políticos de março de 1964 e pelo regime da ditadura militar imposto no país a partir de então. Depois destes episódios, um sentimento de pessimismo, beirando a apatia, aproximou-se do escritor que só voltou a produzir doze anos depois. “As injustiças, perseguições e violências decorrentes do ato, e a necessidade de pelejar

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

pelo ganho da vida” (JORNAL DA BAHIA, 1977) minaram o ânimo do contista que, logo em seguida, foi vitimado por um espasmo cerebral.

A desistência de sua arte, por determinado período, não resultou de uma decisão meramente pessoal. Foi resultado das circunstâncias históricas e sociais. É fato que ao retornar à vida literária, Vasconcelos Maia não o faz como o escritor entusiasta que recriava as cenas da cidade de Salvador. Neste momento, ao lado do contista, surge o editor, o bibliógrafo. Não sem alguma marca da desilusão acerca do mercado literário baiano e brasileiro, depois de doze anos, nosso autor volta a publicar através da recém-criada Carlito Editor.

Foi depois de sua entrada na academia, doze anos decorridos do lançamento de *Histórias da Gente Baiana* (1964), que, estimulado por amigos, Vasconcelos Maia voltou a publicar lançando uma nova edição da novela *O Leque de Oxum*, sob o título *O Leque de Oxum, novela e crônicas de Candomblé* (1977) e em seguida, sob o mesmo selo editorial, publica *Romance de Natal* (1977), reunião de crônicas anteriormente vindas a lume em jornais para os quais cooperava, e em 1978, sob o apoio e estímulo dos amigos mais chegados, selecionou crônicas que versavam sobre a prática religiosa afro-baiana e publicou o *ABC do Candomblé*, livro que teve três edições.

O escritor não teve minado o seu gosto pela Bahia, pela vida no mar, tampouco pela escrita. Nunca abandonou a ficção, seu modo de ser na vida, como declarava: “Sou ficcionista não quero ser mais do que isto”^v. Em 1986, época em que comemorava 40 anos de literatura, produziu seu último livro, *Cação de Areia*, composto por uma novela longa e alguns contos, tendo sido bem aclamado pela crítica que reclamava por contos inéditos.

Dois anos depois, em 14 de julho de 1988, Vasconcelos Maia teve sua pena definitivamente silenciada por uma parada cardíaca.

O exposto neste artigo, parte de um estudo resultante de uma pesquisa de longo fôlego que tomou como objeto a produção literária de Vasconcelos Maia, evidenciou que os livros não foram os principais meios materiais pelos quais a obra do ficcionista foi transmitida. Escritor profícuo, o contista produziu mais de mil textos entre ensaios, novelas, contos e crônicas, em sua maioria, para serem publicados em periódicos e revistas, ao longo de uma trajetória literária que se estendeu por quarenta anos. Grande parte dessa produção não foi recolhida em livros. São textos dispersos em numerosas publicações periódicas que não foram reeditadas e que ficaram esquecidos nas prateleiras das seções especializadas das bibliotecas.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

A publicação em jornais e revistas, em antologias, assim como aquela em livros, como prega a sociologia dos textos, é uma evidência do comportamento dos autores de sua época, e seu processo implica, segundo o proposto por Chartier (2002, 64) “uma pluralidade de espaços, de técnicas, de máquinas, de indivíduos”.

Evidencia-se que, dotado de visão proativa, experiente no campo literário no qual se inserira mesmo antes do *Caderno da Bahia*, o escritor Vasconcelos Maia percebeu nas revistas literárias e periódicos, e até mesmo no rádio, maior possibilidade de ultrapassar as dificuldades enfrentadas naquele mercado editorial quase inexistente, alcançando maior público leitor, ou ouvinte, justificando assim a pequena difusão de sua obra em livros. Conclui-se portanto, que a trajetória literária do escritor baiano Vasconcelos Maia foi marcada por fatores extraliterários, quais sejam, as circunstâncias econômicas, sociais e políticas, além das práticas comerciais e configuração da indústria editorial, fatores que configuravam o mercado editorial da Bahia e do Brasil na segunda metade da centúria passada; tendo sido igualmente assinalada pela tensão que atravessava a elite intelectual de então, vivendo na cidade do Salvador, então referida como Bahia, que se mostrava reprodutora contumaz do contexto brasileiro de uma literatura sem leitores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. Dinamene e seu anjo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 set. 1973, cad. B, p.5.

ASSIS BRASIL. Escritores justificam (mal) a crise do livro: devolução de originais. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1959, Vida Literária cad. 1, p. 8.

ATHAYDE, T. A evolução do conto no Brasil. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, Suplemento Literário, ano 1956, ed. 10365. p. 2; 4, 19 ago.1956. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/52933. Acesso em: 24 maio 2019.

BARCELLOS, Marília de A. **O sistema literário brasileiro atual**: pequenas e médias editoras. 2006. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2006. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0210333_2006_pretextual.pdf>

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____ **Vários escritos**. 3. ed. revista e ampliada, São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

**LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO:
A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA**

- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira III** Modernismo. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- CARVALHO, M. do Socorro Silva. **Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia dos anos JK (1956-1961)**. Salvador: Edufba, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Tradução Leonor Graça. Lisboa: Vega Passagens, 1997.
- _____. **Os desafios da escrita**. Tradução Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: EDUNESP, 2002.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. Un humanista entre dos mundos: Don McKenzie. Prólogo a D. F. McKenzie. In: MCKENZIE, D. F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, [1999] 2005.
- CONDÉ, José. Os escritores e o rádio. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, Vida Literária, p. 12, 15 jan. 1950.
- CORREIO PAULISTANO. TV em desfile, cad. 2, p. 13, São Paulo, 6 maio 1959.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____ **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HALLEWEEL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira, Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, (1985) 2012.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LETRAS E ARTES. **Vasconcelos Maia - Salvador**. Correspondência, n. 22, p. 15, Rio de Janeiro, 17 nov. 1946.
- LIMA, Camilo de Jesus. No mundo do conto. **O Combate**. Vitória da Conquista, ano XXVIII, n.13, p.1, 04 jan.1947.
- LIMA, Herman. Evolução do conto. In: _____ **A literatura no Brasil**. Direção Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, (1968)1971.
- MAIA, Carlos Vasconcelos. **Fora da Vida**. Salvador: Ed. Elo, 1946.
- _____. **Contos da Bahia**. Salvador: Caderno da Bahia, 1950.
- _____. Água de Menino. In: _____ HEBEISEN, Paulo. (org.) **Feira de Água de Meninos**. Desenhos de Caribé. Salvador: Livraria Turista, 1951.

**LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO:
A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA**

- _____. **O Cavalo e a Rosa**. Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- _____. **O Primeiro Mistério**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960.
- _____. **O Leque de Oxum**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961.
- _____. Cidade do Salvador. In: SELIGSOHN, Otto. (org.) **Lembrança da Bahia** (guia turístico). Porto Alegre: Editora Globo, 1963.
- _____. **Histórias da Gente Baiana**. São Paulo: Cultrix, 1964.
- _____. **O Leque de Oxum** e algumas crônicas de candomblé. Salvador: Carlito Editor, [1976].
- _____. **Romance de Natal**. Salvador: Carlito Editor, 1977.
- _____. **ABC do Candomblé**. São Paulo: GRD, 1985.
- _____. **Cação de Areia**. São Paulo: GRD, 1986.
- MCGANN, J. Jerome. **A Critique of Modern Textual Criticism**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1985.
- _____. **The Textual Condition**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991.
- MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**, London: Cambridge University Press, 1999.
- _____. **Bibliografía y sociología de los textos**. Madrid: Akal, [1999] 2005.
- O SEMANÁRIO. **Movimento literário**. Panorama literário e artístico da Bahia, n. 52, p.14, Rio de Janeiro, 4-11 abril 1957.
- PÓLVORA, Hélio. O que marcou as letras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno especial, p.2, 30 dez. 1962.
- PORTELA, Manuel. **O Comércio da Literatura: Mercado & Representação**. Lisboa: Antígona, 2003.
- REVISTA DA SEMANA. **Os nossos concursos literários**, n. 41, p. 7, Rio de Janeiro, 13 out 1945.
- RISÉRIO, Antonio. **Avant-gard na Bahia**. Apresentação Caetano Veloso. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1995.
- _____. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

LIVROS E LEITORES NA BAHIA NOS ANOS 50 DO SÉCULO PASSADO: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA DE VASCONCELOS MAIA

ROSA, Flávia; BARROS, Suzane. Panorama da história da editoração em Salvador. In: _____ **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/flaviagoullartesusanesantos.pdf>> Acesso em: 24 maio 2021.

ROSA, Flávia Goulart M. G.; ZOBIAK, Regina Célia (org.). **Editoras baianas: levantamento preliminar**. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1992.

SAMPAIO, Heliodório. Em Busca da Modernidade: Três desenhos para Salvador Metrópole In: _____ Fernandes, Ana; Gomes, Marco Aurélio A. de F. (org.). **Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA/FAU; ANPUR. 1992.

SOARES, E.M.V. **Uma cidade dia sim, dia não: Salvador nas Crônicas de Vasconcelos Maia - 1958/1964**. 2010 (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós Graduação em Estudo de Linguagens, UNEB, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.ppgel.uneb.br/textos/disserta/2010/soares_edna.pdf>

_____. **Uma cidade dia sim, dia não: Salvador nas Crônicas de Vasconcelos Maia 1958/1964**. Salvador: EDUNEB, 2015.

SPAGGIARI, Barbara, PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TAVARES, Luís Henrique. **História da Bahia**. 10. ed. São Paulo: Editora UNESP; Salvador: EDUFBA, 2001.

TRIBUNA DA BAHIA. **Vasconcelos Maia lança o Leque de Oxum dia 11**. Salvador. 8 jul. 1977.

NOTAS

ⁱ Acerca desta forma de referir-se à época, em seu *Era dos Extremos: o breve século XX*, o historiador Eric Hobsbawm assim se pronuncia: “Durante os anos 50, sobretudo nos países “desenvolvidos”, cada vez mais prósperos, muita gente sabia que os tempos tinham de fato melhorado, especialmente se suas lembranças alcançavam os anos anteriores à Segunda Guerra Mundial.[...] Buscaram nomes para descrevê-la: “os trinta anos gloriosos” dos franceses (*les trente glorieuses*), a Era de Ouro de um quarto de século dos anglo-americanos [...] O dourado fulgiu com mais brilho contra o pano de fundo baço e escuro das posteriores Décadas de Crise”. (HOBSBAWM 1996, 253).

ⁱⁱ No campo da história, Ginzburg nos adverte que indícios, pistas ou sinais caracterizam o paradigma indiciário, que se define pela “[...] capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, de remontar a realidade complexa não experimentável diretamente” (1989,152), nesse sentido os indícios são fundamentais, pois, conforme o mesmo Ginzburg 177), “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.

ⁱⁱⁱ Esta informação consta em documento com texto relacionado na bibliografia em *Outros Manuscritos de interesse histórico e crítico-literário*, como AVM, “4. Projetos e planos (turismo)”, no subitem 5.7 – Rádio.

^{iv} O registro consta no banco de dados da rádio difusão alemã ARD <http://hoerspiele.dra.de/vollinfo.php?dukey=1537270&vi=1&SID>

^v A informação consta no documento de texto “Sobre o Leque de Oxum” que integra o arquivo do escritor.